
Considera la nube / InÃ³as Fonseca Santos

Considera la nube dentro de la casa.

Si es la cortina de tus ojos empaÃ±ados
recorriendo el corredor, si el humo del cigarrillo
ribeteando crisis de asma, sabrÃ³is
al inclinarte el cuerpo sobre la luz.

Considera tu nube personal.

Se debe acopiar ficheros: fotografÃ³as temblando
de miedo de que un dÃ³a alguien las olvide,
papeles, cartas ridÃ³culas que deberÃ³is digitalizar
mÃ³s allÃ³ de la nube
mÃ³s allÃ³ del corredor
mÃ³s allÃ³ de la luz
mÃ³s allÃ³ de la casa.

Considera ahora el viento dentro de la casa.

Si autoriza que te quedes.
Si te arrastra.
Si te expulsa.
Y desconfÃ³a: de la meteorologÃ³a, de las pre-
dicciones, de las sombras. Si lloviera, por favor,
no te abrigues. Al menos te obligues
a este tejado vano.

Ã³

Todas las casas de amor son ridÃ³culas

Ã³ Ã³

Prefiero el ridÃ³culo de escribir poemas

Ã³ Ã³

Wislaw Szymborska

Ã³ Ã³

Te escribo: una casa. Y ninguna palabra
se reviste de ladrillos, ninguna palabra
se deposita sobre el terreno para la construcciÃ³n.

Una casa debe tener placas, mi amor.
una casa debe ser de material seguro,
no va a haber incendios y dejar de haber

casa.

Una casa debe. Es todo lo que sÃ³:

aÃ±adir verbo a esta casa que te escribo
ese que entre todos es el material mÃ³s perecible.

RespondÃ³-asÃ³- al contratista,
cuando me alertÃ³ de los peligros.
Sobre todo el peligro de ser

ridÃ³cula:

No vas a construir una casa escribiendo.

TomÃ³ nota. EscribÃ³: una casa.

Le dije: sala, escritorio, tres cuartos.
serÃ³ bueno para el niÃ³o tener hermanos,
si no tuviera los mÃ³os que me reconstruirÃ³a
ahora que partiste y yo escribo: una casa.

Todas las casas de amor son ridÃ³culas,
continuÃ³ el contratista lleno de ternura por mÃ³-

y más afecto al dinero,
regla general, tienen malos acabados.

Tomó nota. Escribió: una casa.
Abrió la puerta. Lo mandó salir.
Prefiero el ridículo de imaginar una casa
al ridículo de no imaginarla.

Te escribo: una casa.
Y en ese instante se ha empezado
el fuego. Versiones del portugués de Renato Sandoval Bacigalupo

Considera a nuvem

Considera a nuvem dentro da casa. / Se a cortina dos teus olhos embaciados / percorrendo o corredor, se o fumo do cigarro / debruando crises de asma, saber / ao inclinares o corpo sobre a luz. // Considera a tua nuvem pessoal. / preciso armazenar ficheiros: fotografias tremidas / de medo de que um dia alguém as esqueça, / papéis, cartas ridículas que terás de digitalizar / para lá da nuvem / para lá do corredor / para lá da luz / para lá da casa. // Considera agora o vento dentro da casa. / Se autoriza que fiques. / Se te arrasta. / Se te expulsa. / E desconfia: da meteorologia, das pre- / visões, das sombras. Se chover, por favor, / não te abrigues. Sequer te obrigues / a este telhado v.

Todas as casas de amor são ridículas Prefiro o ridículo de escrever poemas
ao ridículo de não os escrever.
Wisława Szymborska

Escrevo-te: uma casa. E nenhuma palavra / se reveste de tijolos, nenhuma palavra / se deposita sobre o terreno para a construir. // Uma casa deve ter placa, meu amor, / uma casa deve ser de material seguro, / não vá haver incêndios e deixar de haver // casa. // Uma casa deve. // tudo o que sei: / acrescentar verbo a esta casa que te escrevo / naquele que de todos o mais precioso material. / Respondi assim ao empreiteiro, / quando me alertou para os perigos. / Sobretudo o perigo de ser // ridícula: // Não vai construir uma casa a escrever. // Tomei nota. Escrevi: uma casa. / Disse-lhe: sala, escritório, três quartos, / ser bom para a criança ter irmãos, / se não tivesse os meus quem me reconstruía / agora que partiste e eu escrevo: uma casa. // Todas as casas de amor são ridículas, / continuou o empreiteiro cheio de ternura por mim / e mais afecto pelo dinheiro, / regra geral, têm maus acabamentos. // Tomei nota. Escrevi: uma casa. / Abri a porta. Mandei-o sair. / Prefiro o ridículo de imaginar uma casa / ao ridículo de não a imaginar. // Escrevo-te: uma casa. / E nesse instante começado / o fogo.